



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

MARIA CLARA SILVA

**A DIMENSÃO AUTOBIOGRÁFICA EM DA *CATECHESE*
DOS ÍNDIOS DE LEOLINDA DE FIGUEIREDO DALTRO
(1896-1920)**

Brasília, Novembro de 2021.



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

MARIA CLARA SILVA

**A DIMENSÃO AUTOBIOGRÁFICA EM DA *CATECHESE*
DOS ÍNDIOS DE LEOLINDA DE FIGUEIREDO DALTRO
(1896-1920)**

**ORIENTADORA: PROFA. DRA. NEUMA BRILHANTE
RODRIGUES**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
História do Instituto de Ciências
Humanas da Universidade de Brasília
como requisito parcial para a obtenção
do grau de licenciado em História.

Brasília, Novembro de 2021.

**A DIMENSÃO AUTOBIOGRÁFICA EM DA *CATECHESE DOS*
ÍNDIOS DE LEOLINDA DE FIGUEIREDO DALTRO
(1896-1920)**

BANCA EXAMINADORA

Dra. Neuma Brilhante Rodrigues - HIS/UnB
(Orientadora)

Dr. Daniel Gomes de Carvalho - HIS/UnB
(Membro)

Dr. Mateus Gamba Torres - HIS/UnB
(Membro)

Dr. Marcelo Balaban - HIS/UnB
(Suplente)

Brasília, Novembro de 2021.

A DIMENSÃO AUTOBIOGRÁFICA EM DA *CATECHese DOS ÍNDIOS DE LEOLINDA DE FIGUEIREDO DALTRO (1896-1920)*

Maria Clara Silva

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo discutir como Leolinda de Figueiredo Daltro buscou construir sua imagem pública por meio da publicação da obra *Da Catechese dos índios do Brazil. Notícias e documentos para a História: 1896-1911* em posição de mãe, patriota, mulher capaz, heroína, digna e honrada. Considerando que *Da Catechese dos índios do Brazil. Notícias e documentos para a História: 1896-1911* trata-se da compilação de matérias de jornais publicada sobre suas ações, escolhi examinar outras matérias publicadas sobre Leolinda do mesmo período, mas que escaparam à seleção da obra com a finalidade de melhor compreender seu processo de seleção de conteúdo e como isso estaria atrelado a seus objetivos. Por fim, chegou-se à conclusão de que a publicação da obra pretendia funcionar como forma de convencimento, de autoridades e opinião pública para apoiarem seu intento em ocupar um cargo oficial.

PALAVRAS-CHAVES: Leolinda, patriótica, imprensa, autobiografia.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo discutir cómo Leolinda de Figueiredo Daltro buscó construir su imagen pública a través de la publicación de la obra *Da Catechese dos índios do Brazil. Notícias e documentos para a História: 1896-1911* en el cargo de madre, patriota, mujer capaz, heroína, digna y honrada. Considerando que *Da Catechese dos índios do Brazil. Notícias e documentos para a História: 1896-1911* esta es la recopilación de artículos periodísticos publicados sobre sus acciones, opté por examinar otros artículos publicados sobre Leolinda de la misma época, pero que escaparon a la selección de la obra para comprender mejor su proceso, de la selección de contenido y cómo se vincularía con sus objetivos. Finalmente, se concluyó que la publicación del trabajo pretendía funcionar como una forma de convencer a las autoridades y la opinión pública para que respalden su intención de ocupar un cargo oficial.

PALABRAS-CLAVES: Leolinda, patriótica, prensa, autobiografía.

Leolinda de Figueiredo Daltro nasceu em 1860, no recôncavo baiano, se auto declarava ser neta, tanto pelo lado materno, como pelo paterno, dos povos Tymbiras e Tupynambás¹. Casou-se na juventude com seu primo paterno, Gustavo Pereira de Figueiredo², com quem teve dois filhos, Alfredo e Alcina, vindo, contudo, logo a se separar. Casou-se novamente com o funcionário público Apollonio de Castilho Daltro, cuja

¹ DALTRO, Leolinda de Figueiredo. *Da Catechese dos índios do Brazil. Notícias e documentos para a História: 1896-1911*. (Rio de Janeiro, Typographia da Escola Orsina da Fonseca, 1920).

² Ao pronunciado casamento com seu primo, verificar a biografia de Leolinda; ROCHA, Elaine Pereira. **Entre a pena e a espada:** a trajetória de Leolinda Daltro (1859 – 1935) – patriotismo, indigenismo e feminismo. 2002. p. 41.

transferência levou a família a se mudar para o Rio de Janeiro, no ano de 1882 e lá viveria até sua morte. Com seu segundo marido, Leolinda teve mais três filhos: Oscar, Leobino e Aurea. Anos antes de sua empreitada ao sertão, Leolinda já não vivia mais com o marido, embora não tenha oficializado a separação.

Leolinda era professora. O magistério foi fundamental em sua atuação política, que esteve sempre vinculada à educação. Preocupada com a integração dos povos indígenas à sociedade nacional e com a consolidação da nação no regime republicano, envolveu-se em manifestações pró-governamentais, dedicando-se à proposta positivista de uma educação laica.

Nutria um círculo variado de aliados pessoais e políticos. Dentre eles, se destacam Orsina da Fonseca, sua amiga mais próxima e primeira esposa de Hermes da Fonseca, e Quintino Bocaiúva, padrinho de sua filha mais nova. A proximidade com os Fonseca permitiu que fosse reconhecida profissionalmente e a ajudou a assumir a direção da *Escola de Ciências, Artes e Profissões Orsina da Fonseca*, que tinha por objetivo preparar as alunas para ofícios profissionais.

Leolinda não se restringiu a único espaço de atuação. Com o passar do tempo, esteve cada vez mais engajada na luta pela emancipação política das mulheres e pelo projeto de proteção e *catequese leiga* para os povos indígenas. Tornou-se próxima, também, da poetisa Gilka Machado, que mais tarde faria parte do *Partido Republicano Feminino*, fundado por Leolinda, em 1910, e ativamente ligado à defesa da conquista da cidadania plena para as mulheres.

Leolinda foi candidata à Intendência Municipal nos anos de 1919 e 1926, posteriormente, candidata a deputada federal, em 1933. Publicou dois trabalhos anos antes de se candidatar à Intendência e à Assembleia Constituinte: *Inícios do Feminismo no Brasil – subsídios para a História*, em 1918, e *Da Catechese dos índios do Brasil. Notícias e documentos para a História: 1896-1911*³, em 1920, ambas publicadas no Rio de Janeiro pela Typographia da Escola Orsina da Fonseca. Teve também uma Memória, publicada nos *Annaes do Primeiro Congresso Brasileiro de Geografia*, em 1909, que veio a ser incorporada ao texto *Da Catechese*.

Faleceu aos 75 anos, em 1935, em decorrência de um fatídico atropelamento, na movimentada avenida XV. Por essa razão, a revista *Mulher*⁴ publicou uma matéria dedicada a Leolinda, em que destacava seu papel como precursora do feminismo no Brasil. Mais tarde,

³ Adiante este livro será referenciado apenas por *Da Catechese*.

⁴ *Mulher*: opinião feminina organizada, 1935.

em 2003, a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro outorgou a resolução nº 233, instituindo o *Diploma de Mulher Cidadã Leolinda de Figueiredo Daltro*⁵.

Este artigo discute como Leolinda de Figueiredo Daltro organizou a obra *Da Catechese*⁶. Para tanto, buscou-se analisar a conveniente seleção dos documentos que dão forma à obra, de modo a revelar a trajetória que lhe parecia ser conveniente projetar na tentativa de afirmar sua autoridade e notoriedade, com o intento principal de pleitear um cargo oficial governamental. Para isso, Leolinda destacou notícias que reforçaram sua imagem pública como *mãe, patriota, heroína das causas indígenas, mulher capaz, digna e honrada*.

Para se discutir o processo de construção desta imagem de si, pareceu apropriado dividir o presente artigo em três partes: na primeira será apresentada a obra em si. Na segunda, discutiremos acerca da escrita de si e a apresentação *Da Catechese* como parte desta categoria de escrita. Finalmente, a terceira parte, considera os excertos de jornais que escapam a obra, o que contribui para analisar o cenário de publicação, sendo possível identificar suas ações, no que antecede a publicação, parecendo pertinente para Leolinda estampar as folhas do público mais uma vez, contando-lhe sua trajetória, ou a que merecia ser projetada naquele momento com interesse de ocupar um cargo oficial no futuro.

A obra

Da Catechese dos índios no Brasil. Notícias e documentos para a História 1896-1911 foi publicado pela oficina da Typographia da Escola Orsina da Fonseca, em 1920. Trata-se de um corpus documental variado, compilado por ela e que nos conta, por outrem, o engenhoso projeto de Leolinda de percorrer o interior do país a fim de consolidar suas ideias de uma *catequese leiga* para os povos indígenas.

A obra é dividida em três partes, o prólogo, *Explicação Necessária*, a primeira parte, *Notícias e Documentos*, e a segunda parte, *A minha ação pelos autóchthones na Capital Federal*. O corpus documental é constituído por notícias de jornais da época, cartas, abaixo assinados, discursos proferidos em eventos cívicos, procurações, processos, fotografias, e até mesmo as atas da entidade que fundou em 1909, que recebeu o nome de *Associação de Proteção e Auxílio aos Selvicolas do Brasil*.

⁵Projeto de Resolução, Deputada Ines Pandelo. Disponível em <http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/sepro0307.nsf/2dc93e0802af5c1683256cee006c3d79/66f0cb84fd75a09483256cf5007258bd?OpenDocument>

⁶ Adiante este livro será referenciado apenas por *Da Catechese*.

Após os agradecimentos e as homenagens, a obra foi iniciada com o já mencionado prólogo, intitulado *Explicação Necessária*. Ao contrário do restante da obra, essa introdução foi escrita por Leolinda e, por isso, é parte fundamental para as discussões de como ela buscou construir certa imagem de si.

Acomodados como uma espécie de arquivo pessoal por quase 25 anos, os documentos produzidos por terceiros foram então por ela convocados para revelar sua trajetória. Para tanto, Leolinda esforçou-se para estabelecer certa linearidade e divulgar os fatos a partir de ordem cronológica e geográfica. Isso significa dizer, que ela adotou critério específico na organização do corpus documental, de modo a permitir a construção do personagem que iremos encontrar ao longo da narrativa.

A primeira parte *Noticias e Documentos* concentra registros que remetem a um álbum de viagem e que se constituem em uma memória de suas andanças pelo interior do país, desde sua saída do Rio de Janeiro em direção às aldeias e povoados indígenas, a começar em 1896, até o seu regresso em 1900.

Nesta parte encontramos a notícia do primeiro contato de Leolinda com o grupo de indígenas *Cherentes*, liderado pelo *Capitão Sepé Brasil*. Este grupo, recém chegado ao Rio de Janeiro, tinha como objetivo alcançar a assistência governamental para o aldeamento, além da doação de tecidos, ferramentas e sementes. Reivindicavam também a indicação de alguém que pudesse assumir a educação dos indígenas, por meio da escolarização⁷.

Interessada pelo grupo, após os numerosos comunicados feitos pela imprensa, Leolinda torna público uma declaração que assinalava sua partida com o grupo com o propósito de criar uma escola na aldeia e dava, assim, início ao seu projeto de *catequese leiga*, baseado em uma educação civilizadora positivista.

Missionaria que já era como mestra das nossas creanças, a professora Leolinda Daltro quiz tomar aos hombros esta outra missão mais difficil, ainda mais meritoria - a de ir ás distantes margens do Tocantins ensinar creanças e adultos [...] A corajosa senhora offereceu ao Governo os seus serviços para a civilisação dos cherentes da Providencia, mediante a collocação de seus dois filhos menores, no Collegio Militar, a conservação de seu logar de professora nesta capital e o pagamento dos vencimentos a que sua cadeira dá direito [...] Ella partirá. E os bons e dedicados indios de Goyaz recebel-a-ão em festas, mãos para o céu, como uma mãe carinhosa e abnegada. (D' O Paiz, de 17 Julho de 1896 *apud* Daltro, 1920, p. 10).

Seguiu, então, em direção a São Paulo. Durante sua passagem pela cidade obteve o fervoroso apoio de figuras ilustres, como Maria Rennotte e Horace Lane, que procuram criar

⁷ Noticiado pelo jornal "D' O Paiz de 19 Julho de 1896". DALTRO, 1920, p. 10-17.

uma campanha de arrecadação por meio da imprensa, o que favorecia a continuidade de seu intento. O apoio paulista pode explicar sua predileção pela imprensa daquela localidade em sua compilação, uma vez que, a mesma era crucial para se alcançar seus objetivos de arrecadação de fundos para a excursão. Como aponta em seu prólogo:

Ao nobre e generoso, povo da Paulicéa, meu coração é gratissimo a esse Povo nobre e generoso. Quando parti para as aldeias, passei por essa terra progressista, parte componente da Patria querida. Fui acolhida com as mais vivas demonstrações de estima, consideração e carinho, pela Imprensa e pela População. Dedicando esse meu livro ao Povo Paulista, elle é dedicado tambem a illustrada e independente Imprensa da Paulicéa, reflexo da opinião publica e do Grande Estado. (Daltro, 1920, p. VII).

Após três anos convivendo entre as aldeias e os povoados, em virtude de seu compromisso para a construção da escola e de seu projeto, Leolinda mostrou interesse em pleitear o cargo de *diretora dos índios*, assegurado pelo Estado, e que em nenhum momento havia sido ocupado por uma mulher.

Creio ao mesmo tempo que o generoso como é o Governo do Brasil, em vista do preparo, coragem, patriotismo e tenacidade de D. Leolinda, promoverá o modo de amparal-a, concedendo-lhe recursos necessarios para que possa levar a effeito a sua missão. (Antoni Albino Pinto de Castro, medico). [...] Que junto os meus, aos vossos votos para que o Governo da União e do Estado vos facilitem os meios precisos para levardes ao fim o vosso vasto e philanthophico plano de catechese. (Salvador Azevedo, promotor público). [...] Heroica mulher, assombrado ante a grandeza do vosso sacrificio e da vossa abnegação, ousou erguer um brado ao Governo para que elle vos faculte os recursos que careceis para voltardes a essas brenhas já conhecidas por vossa ingente temeridade, com que o que prestareis um proficuo serviço ao nosso Estado. (Daltro, 1920, p. 146, 148 e 186).⁸

Esse tipo de declaração deu início aos passos finais da organização dos documentos encontrados no capítulo *Notícias e Documentos*, pois abarcou a transição dos relatos de viagem para a defesa de sua autoridade nos assuntos indigenistas, a partir do trabalho que havia desenvolvido em sua excursão. Leolinda procurava, dessa forma, preservar as declarações e os testemunhos que expusessem sua *benevolente* ação pela educação civilizadora. Organizados em cartas e assinaturas, este material afirmava o seu comportamento heróico e patriótico, quer dizer, era a prova de sua atuação exemplar junto aos indígenas no interior do país.

Em 1896, pôs fim a sua excursão e regressou ao Rio de Janeiro, pressupondo que com a assistência do Governo Federal poderia alcançar o cargo de diretora dos índios. E somente

⁸ Cartas escritas pelos seus apoiadores e incorporadas ao texto *Da Catechese*.

com a nomeação seria capaz de consolidar seu projeto de *catequese leiga* e proteção aos povos indígenas.⁹

Em diálogo com a primeira parte, a segunda, *A minha acção pelos autóchthones na Capital Federal*, reúne registros que formam uma espécie de teia das atuações desenvolvidas após a excursão, que datam de 1909 a 1911. Entre os documentos ordenados encontram-se diversos excertos da imprensa, uma *Memória*, publicada nos *Annaes do Primeiro Congresso Brasileiro de Geografia*, em 1909, que viria a ser incorporada ao texto *Da Catechese*, e, por último, as atas da *Associação de Proteção aos Selvícolas do Brasil*, fundada no mesmo ano do congresso.

Se antes a ordenação das passagens compiladas anunciava registros que marcavam o seu percurso ao longo de sua excursão, nesse momento, os documentos são centralizados no Rio de Janeiro e destacam as ações de Leolinda como defensora dos indígenas. Em suas palavras: “na segunda parte deste livro verá o leitor que não me descuidei um só instante da causa dos selvícolas, mas, pelo contrário continuei aqui a defendel-a ardosamente chegando a extremos de sacrificios materiaes e sofrimentos moraes inegalaveis” (DALTRO, 1920, p. XXI).

Considero importante enfatizar que, embora a primeira parte e a segunda parte sejam compostas por documentos produzidos por terceiros, existe, como já mencionado, clara intenção por parte de Leolinda no modo como escolheu organizar o material com intuito de remontar sua trajetória e destacar aspectos convenientes de sua história. Quando analisados os registros há uma composição que remete a uma linearidade temporal e espacial para cada parte.

Vale pôr em evidência também as duas condições de produção dos documentos. Se o material inicialmente publicado como documentos soltos, desunidos, fragmentados, sem vínculo entre si, e cujas publicações precederam à obra *Da Catechese*, naquele ano de 1920 ao serem ordenados e metodizados em *Noticias e Documentos* e *A minha acção pelos autóchthones na Capital Federal* estes textos são invocados enquanto um conjunto de documentos que dialoga entre si. Uma seleção criteriosa e conveniente que sistematiza o ordenamento da documentação, e dá condicionamento para a construção de uma auto-imagem da organizadora.

⁹ Ver em ROCHA, 2002, pp. 217.

Da catechese dos índios no Brasil: uma escrita de si

Segundo Lejeune (1975) a autobiografia é mais que um gênero literário, é a composição do *eu*, que é construído no social. Essa ação expande-se no momento em que é acrescentada a figura de vários *eus* pelo fazer autobiográfico. Complementa Melo e Costa (2010), o ato autobiográfico imagina a existência de outro indivíduo, de outro lugar, que não é mais o lugar do passado, nem é capaz de existir no presente. E assenta “à recriação de um mundo por meio das palavras; e à projeção de um ser transformado, que não é mais o mesmo, e tampouco um outro” (MELO e COSTA, 2010, p 142).

Nessa perspectiva, autobiografia se apresenta, portanto, como um retrato centralizado na vida de quem a expõe. Os eventos são organizados de forma retrospectiva, pode-se dizer que a narrativa é constituída através da memória, um vão que merece cautela, pois quem narra sua vida, o faz de um espaço encenado.

Assim, a autobiografia adquire certa ficcionalidade, o que nos leva a analisar como o autor interpreta os fatos e como constrói sua imagem apoiado na narrativa de seus eventos. Benito Bisso Schmidt (2017) amplia o debate ao indagar em seu ensaio “é possível narrar uma vida “toda”, ou o que se conta é sempre uma seleção, mais ou menos arbitrária, de certos acontecimentos de uma existência?” (SCHMIDT, 2017, p. 45).

Essa reflexão é essencial para ilustrar a análise *Da Catechese*, de modo a considerar sua narrativa enquanto detentora de intenção autobiográfica, essencialmente, na qualidade de uma certa imagem de si. Afinal de contas, por que arquivar a própria vida? Qual o objetivo de rearranjar mais uma vez esses documentos, agora em uma obra?

Grande parte das minhas Memórias já se acham escriptas, porém, repito, minha saúde se faz precária e doe-me a idéa de que os meus patricios e a posteridade guardem de mim uma lembrança falsa, uma memória de ridículo, com que, ainda depois de morta, possa magoar meus filhos. [...] Cada documento, até os que, a primeira vista, parecem de nenhuma importancia, vale por um thesouro de verdades e tem seu logar distincto na historia da minha excursão as tribus selvagens e no meu martyriologio. (Daltro, 1920, p. XX).

O excerto acima nos ajuda a identificar o processo de triagem como um dos aspectos naturais para o processo de arquivamento de uma vida. Ao conservarmos alguns documentos, nos desfazemos de outros, isso quer dizer “essas triagens são guiadas por intenções sucessivas e às vezes contraditórias” (ARTIÈRES, 1998, p. 10). Talvez por isso, não seja possível arquivar a vida por completo, não somos capazes de guardar todos passos que damos, se faz um acordo com a realidade “manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens” (ARTIÈRES, 1998, p. 11).

O sujeito que fala ou escreve sobre si, portanto, não é o objeto (re)presentado por seu discurso reflexivo, mas tampouco é o efeito, por assim dizer, gramatical de seu discurso. Falando e escrevendo, literalmente, ele se produz. Narrar-se não é diferente de inventar-se uma vida. Ou debruçar-se sobre sua intimidade não é diferente de inventar-se uma intimidade. (Calligaris, 1998, p. 49).

As declarações, as cartas e os recortes de jornais encontrados na obra, em sua maioria escritos por terceiros, marca certa intencionalidade de Leolinda de responder a uma injunção social, a fim de expor, o que a própria assinala como a oportunidade de “projectar um raio de luz sobre esse caso e contar a franca dessassombradamente a história verdadeira” (DALTRO, 1920, p.XX). Analisar a constituição do autor-personagem na obra, é nesse sentido exumar as tramas que envolvem a seleção e a ordenação dos documentos, identificar os elementos que constroem certa imagem de si.

O anseio de ser reconhecido pelo outro do modo que gostaria de ser conhecido. Em outras palavras, o arquivamento do eu, frequentemente, assume uma função pública. Como se a preservação de si determinasse uma honra e dignidade, já produzida no presente, mas que construirá o futuro.

O arquivamento do eu não é uma prática neutra; é muitas vezes a única ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como ele desejaria ser visto. Arquivar a própria vida, é simbolicamente preparar o próprio processo; reunir as peças necessárias para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós. (Artières, 1998, p. 31).

Com isso o autor-personagem, antes de tudo, cria, e como resultado promove a narrativa um sentido, o que sustenta uma disposição para as memórias que serão incorporadas à autobiografia. Esses conjuntos por vezes são constituídos de sujeitos e de seus conteúdos, assim dizendo, Calligaris (1998) nos lembra, que o editor da sua própria vida, assume o papel de rearranjar ou aprimorar o que já é um texto.

O que fui, o que sonhara ser, o que tenho feito, deixo através destas páginas, afirmando pelo testemunho, até mesmo dos meus próprios inimigos. Não pudesse eu exhibir provas mais concretas e bastaria o odio delles para estereotipar a verdade do meu esforço. (Daltro, 1920, p. XXV).

O desejo de preservar-se, de constituir a própria imagem, sobretudo de forjar uma honra e glória está atrelado aquilo que acomoda a melhor imagem de si próprio, ao admitir objetos que o dignificam, ou que vão num momento futuro “guardar os próprios documentos pode indicar, esse anseio de ser, a posteriori, reconhecido por uma identidade digna de nota” (RIBEIRO, 1998, p. 35).

Parece pertinente, portanto, considerar a obra como um tipo de escrita de si. Os documentos, fruto de uma seleção criteriosa, formam o espaço encenado de uma vida, ou melhor, da parte que convém ser projetada estando ao abrigo de suas vistas.

Para entender melhor esta dinâmica orquestrada por Leolinda, nos pareceu apropriado explorar as notícias de jornais que tratam de seu nome, mas que não foram selecionadas para compor a obra. A seleção destes jornais¹⁰ considerou o período de publicação dos excertos encontrados em *Da Catechese*, entre 1896 a 1911, e, posteriormente, o cenário de publicação, em 1920. Segundo suas palavras no prólogo, seu nome teria estado sob críticas de diferentes grupos da sociedade, marcadamente, da imprensa.

Chegando a esta Capital, me encontrei sob uma atmospherá pesada de indifferentismo e fria, e, após, alvejada por uma saraivada de ridiculos, partida de todas as classes sociaes, principalmente, da imprensa, com que me procuraram ferir e anniquilar!...(Daltro, 1920, p. XVII).

A imprensa surge, por sua vez, como ré de seu infortúnio. Isso se torna curioso ao considerar que a maior parte dos documentos encontrados na obra, advindos da imprensa e conservados por quase 25 anos, são convocados para revelar sua trajetória. Mas não qualquer imprensa, e é justamente aí que está a singularidade, o que possibilita investigar a intenção e a dimensão autobiográfica

O escrito autobiográfico implica uma cultura na qual, por exemplo, o indivíduo (seja qual for a sua relevância social) situe sua vida ou seu destino acima da comunidade a que ele pertence, na qual ele conceba sua vida não como uma confirmação das regras e dos legados da tradição, mas como uma aventura a ser inventada. (Calligaris, 1998, p. 46).

Sem desistir do seu objetivo e na maioria das vezes cercada por um grupo de aliados, Leolinda tornou-se cada vez mais conhecida nas folhas dos jornais. Entre os quais se destacam o *Jornal do Brasil* (RJ), *O Paiz* (RJ) e a *Gazeta de Noticias* (RJ), só esses três jornais compõem quase a metade total das ocorrências encontradas, tanto na obra, como nas buscas realizadas no interior da BNDigital. A intensa ocorrência destes três jornais revela, no mínimo, a necessidade de vigilância durante a análise dos dados, por considerar o seu uso ordenado, na medida que empresta sentido à trajetória, identificada na obra.

Levando em consideração o volume e a importância da imprensa carioca na seleção dos excertos, é indispensável dimensionar o cenário que corresponde a estes três jornais, por isso, parece relevante indagar o sentido da instauração destes.

¹⁰ Todos os jornais apresentados ao longo desse artigo foram consultados on-line na hemeroteca digital brasileira da Fundação Biblioteca Nacional, no endereço eletrônico: < <http://memoria.bn.br>>.

Transformados em veículos de propagação de ideias republicanas, os três jornais compunham, de modo geral, a produção de um espaço concebido por discussões que circundam a questão política, social e cultural.

O *Jornal do Brasil* acompanhou algumas das transições decisivas na ordem política que vão de 1891, data de sua fundação, até os dias atuais, mas o que interessa nesta oportunidade é dimensionar sua atuação nos períodos iniciais. Um jornal diário que foi criado por Rodolfo de Sousa Dantas, e que contava com a presença de Joaquim Nabuco, com o objetivo de alcançar de alguma maneira certas críticas ao governo.¹¹

Em suma, o jornal apresentava suas diretrizes baseadas em uma conduta política, ao mesmo tempo que estabelecia certo limite na disseminação desses conteúdos, idealizando assim uma arquitetura moderada, na intenção de manter um vínculo cordial com o regime republicano.

Com as transições na linha editorial, sob direção de Fernando Mendes Almeida, o periódico assumiu uma postura mais corrente, e prometia “ser um órgão de imprensa “popular”, defensor dos pobres e dos oprimidos e divulgador de suas queixas e reclamações. Com isso, abandonava os inflamados debates políticos de outrora, voltando-se basicamente para os assuntos cotidianos da cidade de interesse das massas” (FERREIRA; MONTALVÃO, 2010, p. 1).

Podemos compreender a notícia da chegada dos *Apinagués*, em 1902, publicada por esta folha, como exemplo desta defesa dos oprimidos. O texto buscava mostrar a iniciativa daquele povo nativo como decorrente da displicência da autoridade pública. Trata-se de uma delegação de indígenas sob o comando do *Capitão Sepé Brasil*, - que viria a ser responsável por guiar Leolinda em sua primeira excursão, em 1896 - e que tinha como um de seus objetivos na capital reclamar ao governo republicano resoluções acerca das invasões de suas terras, na região do Alto Tocantins, somado ao desejo de uma nova excursão¹². O *Jornal do Brasil*, segundo Leolinda, se posicionou sobre o tema de modo diferente de grande parte da imprensa:

Tendo-me conservado silenciosa ante as apreciações dos órgãos da imprensa desta capital, relativas a chegada dos índios, algumas quase não traduzem inteiramente a verdade, fazendo honrosa exceção - O Paiz e o *Jornal do Brasil*, cada um dos quaes têm relatado os factos de um modo independente, não só se achando em absoluto accôrdo com as notas fornecidas pela

¹¹ Cf. FERREIRA, Marieta de Moraes. MONTALVÃO, Sérgio. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. In: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/jornal-do-brasil>> Acesso em: 27/09/2021.

¹² Ver DALTRO, 1920, pp. 398 - 400.

reportagem policial. (Jornal do Brasil, 22 de Setembro de 1902 *apud* Daltro, 1920, p. 403).

A análise dos excertos selecionados para compor a obra, aponta para o fato de que Leolinda recorria ao *Jornal do Brasil*, *O Paiz* e a *Gazeta de Noticias* como forma de cultivar e veicular seu projeto político, para o qual procurava expressar notoriedade e respeitabilidade, afirmando sua autoridade.

Os índios querem regressar para os seus sertões mas sob a condição de que eu os acompanhe. Sendo professora cathedratica, só posso acompanhá-los mediante licença do prefeito ou do Conselho Municipal e uma vez que ella seja concedida, immediatamente marcharei a sua frente, para continuar, se é possível, com mais ardor, a minha missão de educadora. (Daltro, 1920, p. 407).

Deve-se frisar que a preferência e inclinação de Leolinda por esses periódicos não se encerra apenas no propósito popular, mas existe outro elemento que deve ser considerado na equação: quem está por trás da linha editorial, quem conduz e acomoda o conteúdo.

A partir da seleção dos periódicos, seu perfil deixa ver o que pode significar a rede de sociabilidade, dando forma a suas alianças, as quais lhe davam recursos e favoritismos, como parte de sua estratégia política e de sobrevivência.

Foi provavelmente o aval desses amigos influentes, como o seu compadre, Quintino Bocaiúva e o amigo Horace Lane que lhe abriram portas, permitindo que uma professora pública, de origens desconhecidas fosse recebida nos gabinetes presidenciais, ministeriais e de outras autoridades política, tanto quanto nos mais caros salões das sociedades carioca e paulistana, tornando-se uma personagem conhecida no cotidiano do Rio de Janeiro e em outras partes do Brasil. (Rocha, 2002, p. 309).

O que se pode perceber quanto ao uso do jornal *O paiz*¹³, por sua vez, que oferece a obra um recurso pessoal, associado à presença de figuras como Quintino Bocaiúva, amigo íntimo de Leolinda e padrinho de sua filha. Ele se destacou na direção do jornal até 1901, após substituir Rui Barbosa, tornando-se segundo redator chefe, e sua influência perdurou nas páginas da redação, ainda depois de sua partida. Como se pode confirmar a seguir.

Você soube que aqui levaram no teatro uma peça em que você apparecia num ridículo medonho, vestida de pennas, dançando e fallando asneiras com os índios? Mas o Senador Quintino foi a policia e fez retirar a peça do scenario, suspendendo o espetáculo. O Paiz falou muito bem de você, criticando esse acto impatriótico dos nossos patriícios. (Magdalena de Noronha, Rio de Janeiro, 26 de Maio de 1897 *apud* Daltro, 1920, p. 95).

¹³ Jornal diário, que se distinguia dos demais, por sua fervorosa atuação nas campanhas abolicionistas e republicanas, fundado em 1884, encerrando suas atividades em 1934. Ver em LEAL, Carlos Eduardo. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930. Rio de Janeiro. CPDOC, In: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/pais-o>> Acesso em: 30/09/2021

A influência de Quintino Bocaiúva não se limitou à atuação e interferência da condução das notícias do jornal *O Paiz*, seu prestígio se estendeu às acomodações da *Gazeta de Notícias*, participando da linha editorial, em companhia de figuras como José do Patrocínio e Silva Jardim. O periódico tinha finalidade abolicionista, e prenunciava a proclamação da República como um projeto promissor.

O contínuo manuseio dos excertos da imprensa em *Da catechese*, resulta de conveniente seleção, orquestrada para a construção da melhor imagem de si por Leolinda. A arbitragem na escolha destes não se restringe apenas ao jornal, mas ao conteúdo do fragmento, sobretudo, em como esses registros podem constituir um sentido, dando assim coerência à trajetória que quer ser projetada.

Nesse sentido, é essencial averiguar de mais perto os elementos sutis por trás da conveniente triagem, cruzando assim, as fontes encontradas na obra e nas aquelas descobertas em consultas à hemeroteca, a fim de que esses registros possam dimensionar ainda mais a obra como uma escrita autobiográfica, ao consolidar o projeto do eu, da imagem de si.

O revelar de si: A dimensão autobiográfica

Compreendendo isso, em tempo, resolvi prudentemente calar-me e soffrer resignadamente toda a campanha de ridiculo que até hoje soffro, e aguardar o momento opportuno em que se fizesse luz e pudesse a minha palavra ser ouvida e acatada. (Daltro, 1920, p. XVIII).

A triagem dos periódicos reforça a intensa mediação de uma invenção profundamente singular que Leolinda tece para si mesma a partir e em torno dos fragmentos que existem a seu respeito.

Conforme se explicita a sistematização dos registros, marcada pelo seu apelo cronológico e geográfico, e ao contar com a predileção de jornais específicos, surge de forma cada vez mais clara a necessidade de avaliar os periódicos que escapam a seleção *Da Catechese* para revelar e dimensionar o sentido autobiográfico da obra.

Durante a busca quase microscópica do acervo da hemeroteca, o resultado das ocorrências tem tanto valor quanto os encontrados na obra, descritos em seus detalhes que simbolizam não sua semelhança, mas suas singularidades e diferenças.

Ao narrar sobre si mesma, as escolhas da seleção dos registros revelam o que deve ser dito e tentam afastar e ofuscar aquilo que pode não ser conveniente para condução de sua trajetória. À medida que caminhamos nas buscas da Hemeroteca, nos deparamos com outras publicações, pelo que se vê, seu nome circulava nos jornais repetidamente:

D. Leolinda Daltro, passeou hontem pela rua do ouvidor os seus indios. Foi o clou do ridiculo. A professora dos cherentes veste aquelles caboclos calças apertadas, badine, chapéosinho redondo, casaquinho curto e, ainda por cima, deixa-lhes com uma cabelleira até o meio da cintura, penteada com oleo. O resultado é aquelle ridiculo de exposição caricatural, a que prestam os rapagões da selva selvaggia da Sra. Daltro. (Gazeta de Noticias, 1906, p. 3).

Um fato curioso é que a despeito das falas dela em seu prólogo, dos fragmentos analisados entre 1896 a 1911, ou seja, no período dos textos compilados por ela, só foi identificada esta passagem contrária a Leolinda: o restante dos excertos a edificam enquanto uma mulher *patriótica*. “A’ Leolinda Daltro. 11 de Julho! Nasceu Leolinda Daltro! Grande Brasileira! Grande Heroína! És capaz de tudo que é nobre e sublime! Avante!” (GAZETA DE NOTICIAS, 14 de julho de 1906, p. 4).

Mas, então, por que estes periódicos não são escolhidos? É difícil dizer com precisão o que levou Leolinda a selecionar um e não outro. Podemos considerar a possibilidade de que não teve acesso a notícia em específico, apesar do jornal já ser recorrente na obra ou mesmo que tal trecho se perdeu em seu arquivo antes da compilação. Ou seja, essa dimensão subjetiva é muito incerta. Tal situação nos remete à questão da acumulação, tal como observou Heymann:

A ênfase na acumulação significa que o titular não produziu necessariamente todos os documentos que integram o conjunto e que nem todo o material que ele produziu ou recebeu ao longo de sua vida faz parte desse mesmo conjunto documental. (Heymann, 1997, p. 43).

Mas, ainda sim, existe um elemento a ser considerado quando analisado os fragmentos dos dois conjuntos, mas que dimensiona o período de publicação da obra e, por consequência, é também o momento em que Leolinda produz o prólogo. Investigar o cenário de publicação abre o eixo de possibilidades para avaliar porque ela se esforçou na constituição de certa imagem de si.

Pois não arquivamos nossas vidas de uma vez por todas. Incessantemente, até o último momento, nossos arquivos estão sendo refeitos. Nossa intenções mudam em função de fatores pessoais mas também externos. [...] Pois arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte. (Artières, 1998, p. 32).

O cenário de publicação permite examinar a demora de Leolinda de publicizar a obra, formada por registros que estiveram sob seu abrigo por cerca de 25 anos, mas só em 1920 foram ordenados, publicados e ressignificados em seu esforço de ilustrar as páginas do público mais uma vez.

Tomei a deliberação de apresentar a publicação - primeiro, dos documentos que possúo e que como precursores do meu livro vão, sem commentários, sem notas explicativas, sem uma referencia siquer, adiando para mais tarde, se não me abandonarem as energias que ainda restam, a narração dos factos a que taes documentos alludem e servem de ponto de apoio. (Daltro, 1920, p. XX).

O que traz à superfície novas indagações, por que esse material foi coligido e publicado em 1920? Quais esforços foram empregados para que essa coletânea de textos pudesse ser apresentada como possuidora de sentido específico?

[...] as autobiografias apresentam-se muitas vezes como "provisórias" de maneira a garantir aos indivíduos a possibilidade de se redefinirem em outro momento, podem existir diversos critérios que orientem a acumulação e a ordenação dos documentos pelo titular ao longo do tempo, e esses critérios variam segundo as avaliações táticas do tempo presente, relativas a projetos assim como a posições sociais ocupadas pelos indivíduos. (Heymann, 1997, p.46).

Não se encontram diferenças significativas entre o conteúdo publicado em *Da Catechese* e o material encontrado na hemeroteca entre 1896 e 1911, percebe-se uma ruptura depois deste nas notícias que tratavam de sua reputação. Como já mencionado anteriormente, naqueles anos iniciais, as publicações não usadas na compilação também contribuem com o projeto *honrado e patriótico* de Leolinda, assim, dialogavam com os periódicos *Da Catechese*.

No entanto, a partir de 1911, as linhas editoriais redigiram um novo cenário: de um lado, a imprensa amiga, que continuava a tornar pública sua imagem como *mulher notável, respeitável, digna e honrada*. Sob outra perspectiva, contudo, estava, com certa frequência, uma imprensa que circulava publicações que alimentavam a degradação de sua imagem.

O que ocorreu para que a imprensa, de um modo geral, convertesse sua postura na divulgação e propagação da imagem de Leolinda? Ao aproximar-se do cenário de publicação, foi possível notar uma série de publicações que associavam Leolinda ao feminismo no Brasil. Em que se pode ler durante episódio descrito pelo jornal *A Epoca*:

A professora Leolinda Daltro queixa-se da imprensa. [...] Hontem ás 21:12 horas, no momento de mais actividade na redação, entraram-nos pela sala a dentro, subito, duas senhoras de aspecto modesto. Uma dellas era a professora D. Leolinda Daltro. Vinha queixosa contra a imprensa do Brazil, que ainda não soube avaliar o seu trabalho, apreciar-o na sua parcella de efficiencia, e desistir da ironia e dos sarcasmo para destruir os alicerces desse edificio em construção, que é o feminismo no Brazil. (*A Epoca*, 1918, p. 2).

Para situar o episódio descrito, é necessário ter em conta a posição que Leolinda ocupava nos espaços veiculares. Segundo sua biógrafa Elaine Rocha (2002), seu nome esteve

em evidência ao longo de 15 anos na imprensa, ora vinculado às discussões da política indigenista que deveria ser adotada, ora seu nome ilustrava as folhas dos jornais em defesa de outro interesse, o feminismo (ROCHA, 2002, p. 4).

Isso se nota, em primeiro lugar, progressivamente nas articulações de Leolinda por meio da congregação de algumas mulheres em defesa da candidatura de Hermes da Fonseca à presidência da república, em 1910, instalando assim, a *Junta Feminil Pró-Hermes*.

Tomei a deliberação de convocar as senhoras residentes nesta capital para constituirmos a Junta Feminil Pró-Hermes, que se incumbirá com o maior entusiasmo da propaganda da candidatura do marechal Hermes da Fonseca, ao qual todas as senhoras que adherirem à Junta farão também, brevemente, uma grandiosa e imponente manifestação de sympathia. (O Paiz, 1910, p. 2).

Todos esses elementos não provém do acaso, pode-se, com efeito, considerar a relação de Leolinda com o Hermes da Fonseca e sua primeira esposa, Orsina da Fonseca, uma de suas mais notáveis amigas, e fundadora da *Escola de Ciências, Artes e Profissões Orsina da Fonseca*, ao qual Leolinda foi professora e diretora.

Em segundo lugar, devemos considerar um dos mais importantes jornais que estampava sucessivamente em suas páginas seus movimentos. E de agora em diante, relatava sua mais nova empreitada ao pé da *Junta Feminil Pró-Hermes*.

O jornal *O Paiz*, que também tornava público o seu apoio ao “marechal Hermes da Fonseca, fazendo cerrada oposição à Campanha Civilista” (LEAL, 2010, p. 1). O que se pode verificar, cada vez mais, os usos estratégicos da sua variada rede de sociabilidade.

Dando-vos noticia dessa minha resolução, tenho por fim pedir-vos a fineza de abirdes nessa illustrada redacção uma lista para assignatura de todas as senhoras que adherirem a esta patriótica idéa. Antecipando-vos os meus agradecimentos, subscrevo-me com maior consideração. (O Paiz, 1910, p. 2).

Segundo carta que Leolinda enviou à redação do jornal *O Paiz*, preocupava-lhe, principalmente, com a postura ideal que a mulher republicana deveria adotar. Estava, assim, definida as práticas femininas para a construção e continuidade de um projeto de nação:

A mulher brasileira verdadeiramente digna desse nome, não pode ser indifferente aos destinos do nosso querido Brazil, os quaes, digam o que disserem, principalmente, dependem do seu influxo, no lar ou fora d'elle. E a mulher, como mãe, quem forma o carater dos filhos e, como esposa, quem dissuade ou encoraja o marido na luta em pról da prosperidade da família e do engrandecimento da Pátria. (O Paiz, 1910, p. 2).

O conteúdo do excerto para o jornal *O Paiz* é caro à filosofia positivista de Comte durante as primeiras décadas da república, pois a propagação do positivismo “tornou-se a

doutrina de referência para os republicanos, ainda que isso não tenha poupado distorções, adaptações ou interpretações variadas” (ROCHA, 2002, p. 145).

Indo além da simples função geradora, as mulheres eram fundamentais na formação moral do novo homem, pedra de toque na construção de uma nova sociedade mais virtuosa e feliz. As mães patriotas não apenas criavam prosaicamente os filhos, estavam num patamar mais elevado, pois ensinavam os princípios republicanos aos futuros cidadãos. (Morin, 2013, p. 55).

Em diálogo com a pesquisa de Tania Morin (2013)¹⁴, é possível avaliar a postura de Leolinda em sua peripécia pelo feminismo no Brasil, considerando assim, as práticas femininas da *República da Virtude*, a partir dos "novos princípios de patriotismo, lealdade e virtudes republicanas que foram propostos” (MORIN, 2013, p. 45).

Se a pátria era a extensão da família, algumas mães acharam importante pronunciar-se acerca de assuntos públicos que as afetavam, ainda que dentro dos limites da discrição e reconhecendo o terreno como masculino. As relações familiares eram do interesse do Estado: os cidadãos e cidadãs respondiam perante a nação sobre sua moral e bons costumes. [...] a virtude se exercia em público, não era apenas uma qualidade pessoal. A República da Virtude invadia o lar. (Morin, 2013, p. 62).

E não por acaso, a figura da mulher estava presente em “todos os emblemas republicanos, desde os monumentos até os símbolos patrióticos, dando-lhe um caráter de honradez, santidade, pureza, coragem, doçura e liberdade” (ROCHA, 2002, p. 148).

A inserção das estratégias francesas, não demorou para fazer parte da vida cotidiana de mulheres como Leolinda, que lançavam mão do mesmo discurso, a fim de angariar novas seguidoras a sua empreitada.

A professora sabia que louvar os atributos da maternidade e conclamar as mulheres à responsabilidade de educadoras e formadoras das futuras gerações de brasileiros era a única maneira de conquistá-las para a sua causa. (Rocha, 2002, p. 147).

Poucos meses depois da criação da *Junta Feminil Pró-Hermes*, a associação foi rebatizada e transformada em um partido político, recebeu o nome de *Partido Republicano Feminino*, após conversa com general Pinheiro Machado¹⁵, que lhe aconselhou a fundar o partido.

Estão lançadas as bases de uma nova agremiação política - O Partido Republicano Feminista. Devemol-o á illustre professora d. Leolinda de Figueiredo Daltro que depois de haver civilizado uma nação inteira de bororós e lançado a candidatura do marechal Hermes da Fonseca á

¹⁴ Seu trabalho investiga as mulheres na revolução francesa, com ênfase nos costumes e ocupações destas mulheres no projeto de nação. Ver em MORIN, 2013, p. 43-68.

¹⁵ O general Pinheiro Machado foi o responsável pela fundação do Partido Republicano Conservador, P. R. C. (KARAWJCZYK, 2014, pp. 64-84).

presidencia da Republica, ainda se sente com forças para levar a effeito a formação de um partido politico para o bello sexo. Este partido adaptou o programma do P. R. C., não só para poupar o trabalho, como tambem por ser a professora d. Leolinda uma verdadeira admiradora do general Pinheiro Machado. A parte, porém, que interessa exclusivamente ás suas correligionarias, a esforçada propagandista desenvolveu largamente. [...] E por ahi vae a entusiasta iniciadora do advento suffragista entre nós, transportando para cá as idéas de miss Pankurst, depois de havel-as, porém, fumigado na estufa do extremado nativismo. (A Epoca, 1914, capa).

A repercussão da criação do *Partido Republicano Feminino* teve efeitos diversos nas redações dos jornais da época, causando um burburinho na opinião pública. De um lado, circulava notícias que associavam a formação do partido e as condutas de Leolinda ao feminismo de Emmeline Pankhurst, versão das suffragettes inglesas¹⁶ em solo brasileiro, tipificando-a como a face mais combatente do sufrágio feminino.

Por outro lado, o jornal *O Paiz*, oferecia ao leitor outra versão do mesmo fato publicado pela *A Epoca*, mas que ilustrava um enredo bem mais favorável à prática feminina orientada pela estratégia francesa, da mulher, mãe, educadora, que se movimenta a favor do progresso de sua pátria.

Está fundado o Partido Republicano Feminino, que absolutamente não é uma agremiação de sufragistas, mas uma instituição que se propõe ao progresso intelectual e coletivo da mulher. Essa assembleia reuniu-se na Escola Orsina da Fonseca, que será um dos órgãos da [...] associação, com a assistência do Dr. Gastão de Azambuja, representando o senador Pinheiro Machado. (O Paiz, 1914, p. 4).

Suas ações, tanto a partir da *Junta Feminil Pró-Hermes*, tanto quanto a fundação do *Partido Republicano Feminino*, revelam certos interesses de Leolinda: não só a aquisição de novas correligionárias para sua causa, a legitimidade que um partido lhe conferia, mas também a importância de ter a simpatia do mais novo presidente. Contudo, seu principal objetivo era ocupar um cargo governamental.

Tal desejo era recorrente desde sua excursão a Goiás retratada na *Da Catechese*, cuja primeira parte, no fim do primeiro capítulo, apresentava uma série de declarações favoráveis e que a reconheciam como apta a assumir o cargo de *diretora de índios*.

Leolinda sabia bem a importância de tecer uma rede de aliados para a realização de suas ambições política, porém, apesar de todos os esforços investidos, seu plano não alcançou o resultado de seu roteiro. Como ocorrera na excursão, ela sofreria mais uma vez o infortúnio de se frustrar em seu intento.

¹⁶ Termo difundido pela imprensa inglesa, durante o século XX, para especificar o grupo organizado por Emmeline Pankhurst. Ver MARQUES, 2004, pp. 149-169.

A decepção amargada após a eleição de Hermes da Fonseca. O general, envolvido em negociações políticas, havia apoiado a indicação de Rondon à direção do Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais e não concretizou o sonho de Leolinda em ser nomeada para a tão sonhada diretoria de Índios em Goiás. (Rocha, 2002, p. 296).

As adversidades não cessaram aí. Com o falecimento de sua amiga Orsina da Fonseca, em 1912, não haveria nem sequer alguém que pudesse intervir a seu favor. Seu amigo leal Quintino Bocaiúva também a deixava naquele mesmo ano. Ocasão essa em que Leolinda não deixou de prestar homenagem, discurso dramático, que estampava os novos rumos de sua empreitada ao feminismo.

A' Patria, manifestamos nossos sinceros sentimentos pela morte inesperada de um seus mais preciosos filhos, e á Republica fazemos sentir as nossas convicções, que não são mais que o producto das doutrinas prégadas por Quintino Bocayuva. [...] A homenagem, pois, que neste momento presta o partido republicano feminino, é o unico de um culto patriótico e republicano, e a primeira aula religiosa do civismo da mulher brasileira realizada á beira do tumulo do mestre dos mais puros idéas da democracia republicana. (O paiz, 1912, p. 4).

Com sentimento amargo de não ter ganho o cargo de *diretora de índios*, e de ousar imaginar que pudesse isso acontecer, Leolinda já se mostrava preocupada com os limites impostos às mulheres pela postura arguciosa do coronel Rondon, ao recusá-la também ao *Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais*.

Na opinião POSITIVISTA do Coronel Rondon, a mulher só tem competencia para administrar o departamento culinario do lar, acalentar creanças, lavar e engommar, ou então passear pelas Avenidas, entregando-se aos prazeres do luxo e... e... basta!!! (Daltro, 1918, p. 15 *apud* Rocha, 2002, p. 153).¹⁷

Pouco a pouco, a causa indígena tornava-se plano secundário ao seu percurso, à medida que “crescia o apelo feminista na trajetória dessa mulher, que agora apresentava-se disposta a lutar pelos direitos políticos das mulheres” (ROCHA, 2002, p. 300).

Haja vista para D. Leolinda Daltro, que se apresenta candidata, não com a certeza de vencer, mas com a de estimular o seu sexo para as futuras eleições. E, como apoiamos o gesto da grande defensora do feminismo, teremos o immenso prazer em lhe dar um voto. Talvez que, sendo ella eleita, tenhamos, brevemente, a mulher como um dos principaes elementos do desporto brasileiro, pois que dos homens até hoje nada tivemos. (O Paiz, 1919, p. 7).

Sua candidatura a intendente do Rio de Janeiro não foi vista com bons olhos por toda a gente. A opinião pública digladiava seu nome nas folhas da ilustrada imprensa, o que lhe

¹⁷ Em razão da Covid-19, não pude ter acesso diretamente a seguinte publicação de Leolinda, “Inícios do Feminismo no Brazil – subsídios para a História” de 1918, que se encontra apenas em formato físico no Museu de São Paulo - MASP.

acarretava numerosas críticas. Isso não a impedia, contudo, de continuar persistente, pleiteando o cargo eleitoral.

E o feminismo vae dar o seu primeiro passo no Brasil! A Sra. Daltro, a miss Pankhurst brasileira, apresenta-se candidata a um logar de intendente. Os meus antecedentes são assás conhecidos e, bem ou mal julgados, acham-se desde larga data, no dominio publico. Inicieei destemidamente, o tentamen da educação e instrucção normal e Liga do Selvicola Brasileiro. Encetei tambem, e em primeiro logar entre nós, o trabalho de emancipação social e politica, da mulher patricia. Tenho me debatido pelos aspectos os mais importantes e palpitantes do problema humano: - a libertação do Selvicola, da Mulher e do Proletariado, e a sua incorporação na sociedade hodierna. (A Noite, 1919, capa).

E mais uma vez, o termo *miss Pankhurst brasileira* é empregado pela imprensa, contudo, se era usado por seus desafetos como meio de desqualificar seu nome, agora em diante é manuseado estrategicamente a seu favor, a fim de alcançar, quiçá, novos apoiadores, que pudessem reconhecer sua qualidade ao comprometer-se pela construção de uma sociedade patriótica.

Mandei imprimir um folheto com a acta da primeira sessão do Partido Republicano Feminino contendo uma synthese do que tenho feito e uma noticia a respeito da minha personalidade de combatente. Enviei varios exemplares aos jornais. Pois bem. Até agora nenhuma folha deu uma noticia do folheto. Nenhuma. É uma ingratição da imprensa do meu paiz [...] Todos acham que eu sou uma senhora perfeitamente desinteressante, perfeitamente indigna de meio palma de columna. (A Epoca, 1918, p. 2).

Apesar de todos os seus esforços e de sua trajetória estar a salvo ao domínio público, Leolinda sabia que não adiantava mencionar em meia página de jornal seus projetos, precisaria relembrar seu leitor de suas ações, de sua missão, contar-lhes mais uma vez a sua história. Embora pudesse recorrer à imprensa amiga, que tecia elogios imensuráveis ao seu nome, ainda sim, do outro lado, persistia seus desafetos, a espalhar uma outra versão de sua reputação.

Não a conhecem? Ora, não há quem desconheça o feminino tipo criticado. Seu nome é barulhento e, por isso mesmo, da berlinda não sai. Quando sucede que nos poucos dias de uma semana não fale na professora d'altro lá com ela, é contar como certo que, no oitavo dia, vai aparecer um pratinho de sensação. (O Paiz, 1917, p. 8).

Da catechese dos índios no Brazil, surge, então, como a oportunidade de ilustrar outra vez as páginas do público, apresentar a sua narração, de uma vez por todas “se viera fallecer antes de alcançar o meu desideratum, levarei pelos menos o consolo de haver, por

documentos fidedignos, revelando o suficiente para o Juízo da História” (DALTRO, 1920, p. XX).

Estava ali, diante de si, a oportunidade de operacionalizar os documentos, que lhe eram caros como um tesouro, de redigir as linhas editoriais a seu respeito, de divulgar repetidamente a sua missão civilizadora, sua posição *mulher capaz, patriótica, mãe, heroína, digna, protetora dos selvícolas*. Parte importante de sua trajetória encontrava-se reunida naqueles documentos, agora, ilustrava as páginas de seu livro.

Numa autobiografia, a prática mais acabada desse arquivamento, não só escolhemos alguns acontecimentos, como os ordenamos numa narrativa; a escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar às nossas vidas. (Artières, 1998, p. 11).

E foi assim que, apesar de todos os esforços de seus desafetos em *aniquilá-la*, chegava o momento oportuno em que se fez luz e a sua voz foi capaz de ser ouvida e lida. Estaria ali, de prontidão, mais uma vez, a favor do seu povo patricio, quem sabe depois de todas as revelações feitas seria assim acatada.

Não por acaso, ao mergulhar nas páginas da obra e nos periódicos encontrados, fica cada vez mais nítidas as operações desenvolvidas por Leolinda, inserindo o leitor nesse jogo de forças, que determina uma versão de acontecimentos, o qual traduz “um esforço de representação, ou melhor, de produção de si mesmo” (HEYMANN, 1997, p. 44).

Mas é sem dúvidas um sintoma dessa seleção, tudo o que “nos permite compreendê-lo como expressão de uma “lógica” particular, que orienta o que é retido/guardado e a forma como se apresenta” (HEYMANN, 1997, p. 43).

Eram esses, portanto, o peso de reunir os documentos em uma nova publicação, delinear minuciosamente as escolhas, as intervenções e, no geral, a ordenação conveniente dos fragmentos, que dispostos em cada parte produzem um sentido próprio. Há aí, dessa forma, a dimensão autobiográfica. Demarcada o seu lugar, e assim, constituída a imagem de si.

Considerações finais

Como nada é linear no inventário de uma vida, sua trajetória é percorrida por numerosas adversidades, que lhe renderam, sobretudo, a capacidade de se reinventar, de se revelar diante de si e de todos.

A acumulação desses registros, não é o espelho de sua trajetória, não poderia ser, não há como guardar a complexidade de uma vida, nem seus minuciosos detalhes em um

conjunto documental, se faz um acordo com a realidade que lhe quer ser projetada. A organicidade dos documentos, reunidos naquilo que desfruta de uma seleção e ordenação conveniente, remonta aquilo que existe de melhor publicado sobre si.

Ao narrar a si mesmo, ou expor suas memórias, agrupadas naqueles documentos escritos pelo outro, Leolinda atua como autor-personagem de sua própria trajetória, selecionando certos acontecimentos significativos em função de uma invenção retórica ordenada. Pronunciado o efeito da dimensão autobiográfica, que tem em sua vista a imbricação entre o detentor, os documentos e o processo de acumulação.

Da catechese dos índios no Brasil. Notícias e Documentos para a Historia: 1896 - 1911 apresenta-se como uma espécie de caráter probatório de sua autoridade e notoriedade no intuito de ocupar um cargo oficial. As páginas estampam repetidamente seu nome, reforçando a cada trecho a importância de sua posição, apta e capaz de representá-los, não só por ser esse o seu compromisso, mas por ser a mais acertada escolha. Precisava, assim, levar seus argumentos frente ao público, intimidar a plateia com sua competência, mostrar-lhes a prova dos *atos*. Seu nome, surgia assim, na qualidade de uma certa imagem de si.

Dessa forma, como escrita de si, anuncia assim, uma disposição de poder, em que o autobiógrafo produz em seu texto certa auto-imagem, que pode ter ou não a ver com sua imagem fora do texto, e que ser revelado se torna uma seleção conveniente e ordenada pelo eu que redige. Certamente, é na qualidade de afastar e ofuscar que Leolinda denuncia a si própria, não importando, em outras palavras, o que foi ou seja, interessa a imagem ao qual significa ser revelado.

FONTES

DALTRO, Leolinda de Figueiredo. **Da catechese dos indios no Brasil**. Noticias e documentos para a Historia (1896-1911). Rio de Janeiro: Typ. da Escola Orsina da Fonseca, 1920.

JORNAIS

A Professora Leolinda Daltro queixa-se da imprensa. A Epoca. Rio de Janeiro, 24 de Setembro de 1918. Disponível em < <http://memoria.bn.br>>

DELICO. O desporto e a política. O Paiz. Rio de Janeiro, 22 de Outubro de 1919. Disponível em < <http://memoria.bn.br>>

E o feminismo vae dar o seu primeiro passo no Brasil. A Noite. Rio de Janeiro, 24 de Setembro de 1919. Disponível em < <http://memoria.bn.br>>

Junta Feminil Pro-Hermes. O Paiz. Rio de Janeiro, 15 de Janeiro de 1910. Disponível em <<http://memoria.bn.br>>

Mulher: opinião feminina. organizada maio/junho, 1935.

Notas diversas. O Paiz. Rio de Janeiro, 5 de Junho de 1914. Disponível em <<http://memoria.bn.br>>

PIRAGIBE, Vicente. Notas Avulsas. A Epoca. Rio de Janeiro, 3 de Junho de 1914. Sessão 648. Disponível em < <http://memoria.bn.br>>

Pontos. Gazeta de Noticias. Rio de Janeiro, 14 de Julho de 1906. Disponível em <<http://memoria.bn.br>>

Professora D'Altro lá com lá. O Paiz. Rio de Janeiro, 20 de Fevereiro de 1917. Disponível em < <http://memoria.bn.br>>

Quintino Bacayuva. Outras manifestações de pesar. O Paiz. Rio de Janeiro, sexta-feira, 19 de Julho de 1912. Disponível em < <http://memoria.bn.br>>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maria Emilia Vieira de. **Professora Leolinda Daltro**: Uma proposta de catequese laica para os indígenas do Brasil: 1895-1911. 2007.

ARTIÉRES, Philippe. **Arquivar a própria vida**. Revista Estudos Históricos. Vol. 11, n. 21, 1998.

AVELAR, A. de S. Biografia e ciências humanas em Wilhelm Dilthey. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 5, n. 9, p. 129–143, 2012. DOI: 10.15848/hh.v0i9.390. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/390>. Acesso em: 10 set. 2021.

CALLIGARIS, Contardo. **Verdades de autobiografias e diários íntimos**. Revista Estudos Históricos. Vol. 11, n. 21, 1998.

CUNHA, P.M. **Leolinda Daltro**: trajetória e memória de uma ‘missionária’; entre os ‘silvícolas’ do Araguaia e Tocantins. Veredas da História.

DE SOUZA, A. B. Pesquisa, escolha biográfica e escrita da história: biografando o duque de Caxias. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 5, n. 9, p. 106–128, 2012. DOI: 10.15848/hh.v0i9.401. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/401>. Acesso em: 3 set. 2021.

FERREIRA, Marieta de Moraes. MONTALVÃO, Sérgio. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. In: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/jornal-do-brasil> Acesso em: 27/09/2021.

HEYMANN, Luciana Quillet. **Indivíduo, memória e resíduo histórico**: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso do Filinto Muller. Revista Estudos Históricos. Vol. 10, n. 19, Indivíduo, biografia, história, 1997.

KARAWEJCZYK, Mônica. **Os primórdios do movimento sufragista no Brasil**: o feminismo “pátrio” de Leolinda Figueiredo Daltro. Estudos Ibero-Americanos, PUCRS, v. 40, n. 1, p. 64-84, jan.-jun. 2014.

LEAL, Carlos Eduardo. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930. Rio de Janeiro. CPDOC, In: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/pais-o> Acesso em: 30/09/2021.

LEJEUNE, Philippe. **L'autobiographie en France**. 2. ed. Paris : Armand Colin, 1975.

- MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. **Elas também desejam participar da vida pública:** várias formas de participação política feminina entre 1850 e 1932. *Gênero*, Niterói, v. 4, n. 2, p. 149-169, 1 sem. 2004.
- MELO, M. S. DE S.; COSTA, L. P. A. **Implicações sobre as narrativas de si.** *Letras & Letras*, v. 26, n. 1, 23 set. 2010.
- MORIN, Tania Machado. *Virtuosas e Perigosas. As mulheres na Revolução Francesa.* São Paulo: Alameda, 2013, p. 43-68.
- MULLER, F. **No limiar entre Literatura, Memória e História:** A "Galeria da Imprensa" Luso-Brasileira na Revista Brasil-Portugal (1899-1914). *Letras & Letras*, v. 26, n. 1, 23 set. 2010.
- ROCHA, Elaine Pereira. **Entre a pena e a espada:** a trajetória de Leolinda Daltro (1859 – 1935) – patriotismo, indigenismo e feminismo. 2002.
- SCHMIDT, B. B. **Os múltiplos desafios da biografia ao/à historiador/a.** *Diálogos*, v. 21, n. 2, p. 44 - 49, 16 set. 2017.
- PEREIRA, Marcelo. **Coração andarilho:** escrita de si, escrita da pátria. *Letras & Letras*, vol. 26, Uberlândia, 2010.
- TEIXEIRA, L.C. **Escrita autobiográfica e construção subjetiva.** In: *Revista Psicologia USP*, v.14, n.1, São Paulo, 2003.

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Eu, Maria Clara Silva, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “A dimensão autobiográfica em *Da Catechese dos índios* de Leolinda de Figueiredo Daltro (1896-1920)” foi integralmente por mim redigido, e que assinaei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.

11 de Novembro de 2021